

ANÁLISE DO GÊNERO DRAMÁTICO, REGIÃO NORDESTINA E SUAS RESPECTIVAS CARACTERÍSTICAS: PERCEPÇÕES DE SUASSUNA NA OBRA O AUTO DA COMPADECIDA

Ana Beatriz Rangel Urbano ¹
Karine Diniz Amaral ²

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise da obra *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, evidenciando algumas características, como: personagens, espaço, tempo, enredo da obra, regionalismo nordestino, resquícios do coronelismo, herança da república velha brasileira, linguagem nordestina, e suas propriedades, especialmente as variações linguísticas e o gênero dramático dentro da literatura. Para tanto, aborda-se nesse estudo método bibliográfico para análise da obra, tendo para embasamento teórico, autores como: Wellek & Warren (1962), em que irão descrever sobre literatura, Pinto (2017), Galvão (2012), fazendo referências ao Nordeste e os olhares como uma região subdesenvolvida, Dimitrov (2011), Cunha (2003), Culler (1999), Galvão (2010), Suassuna (2005) e Alburquerque (2020) aprofundando na análise do ser social-histórico, Bakhtin (2013) descreve sobre a pluridiscursividade, bem como Pimentel (2010), Magalhães (2014), entre outros, a fim de definir e analisar, bem como evidenciar um outro fator marcante na obra e presente na região nordestina: a religiosidade, trazendo consigo considerações pertinentes sobre o juízo final, retratando inclusive, críticas para com a sociedade da época e a Igreja Católica. Todas as análises categorizadas neste trabalho são de relevância para a compreensão do gênero dramático de Suassuna, bem como sua criticidade sobre as estigmatização existente para com o povo nordestino, alvo de preconceito linguístico, exclusão, marginalização social por ser considerada ‘atrasada’. Tais estereótipos errôneos persistem até hoje com um povo que tanto contribuiu ao Brasil e sua história.

Palavras-chave: Nordeste. Ariano Suassuna. Literatura. Gênero dramático.

INTRODUÇÃO

A obra *O auto da Compadecida* (1955) de Ariano Suassuna, nos abre um leque de possibilidades temáticas para abordagens sobre a região nordestina e dentro disso, diversos estudos podem ser realizados no que diz respeito aos seus aspectos culturais, linguísticos e históricos, bem como compreender o gênero dramático e teatral na obra.

¹ Graduanda pelo Curso de Letras Libras da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, urbano.ana@discente.ufma.br ;

² Graduada pelo Curso de Letras Libras da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, karine.diniz@discente.ufma.br ;

A narrativa do autor está sempre ligada à tradição popular nordestina, onde Suassuna se apropria da realidade já conhecida, misturando-a com ficção de forma dinâmica, apresentando em três atos humorísticos uma série de situações que levam os personagens ao julgamento final.

É embasado nessas situações que o trabalho se desenvolve e analisa algumas temáticas selecionadas dentro da obra. A priori, conhecer sobre a vida de Ariano, sua literatura e a relevância e influência da região nordestina para seus escritos. O primeiro aspecto cultural abordado é o campo linguístico, apresentando uma série de variações linguísticas no dialeto nordestino.

Sobre o contexto histórico da obra, consideramos apontar o Coronelismo, momento histórico que marcou o Brasil, onde o poder era concentrado nas mãos dos mais financeiramente abastados, e estes, por sua vez, controlavam a vida e a política de suas cidades, ameaçando a democracia e sujeitando os mais vulneráveis a represálias.

Ainda sobre os aspectos culturais, é imprescindível apontar o campo religioso e juízo final, onde Suassuna aborda de forma irônica, reflexiva e humorística falar sobre o sujeito nordestino, fazer o uso de sátiras para denunciar hipocrisias existentes dentro da sociedade, como: abuso de poder, corrupção dentro da Igreja Católica, traição, mentiras e a dura realidade de fome e seca que também estão no contexto do sertão.

ARIANO SUASSUNA

Ariano Vilar Suassuna foi um escritor brasileiro que produziu riquíssimas obras. Nascido no dia 16 de junho de 1927, na cidade que era conhecida como Nossa Senhora da Paraíba, atualmente João Pessoa. Filho de João Urbano Pessoa de Vasconcelos Suassuna, que era governador da Paraíba e da senhora Rita de Cássia Dantas. Ele foi o oitavo de nove filhos que seus pais tiveram.

Durante a década de 30, seu pai assumiu o posto de deputado federal, e por motivos políticos, foi assassinado no Rio de Janeiro. Após três anos do falecimento de seu pai, mudou-se para a cidade de Taeporá, também localizada no sertão da Paraíba, onde iniciou seus estudos na escola primária. Logo depois, mudou-se para a cidade de Recife, onde finalizou os estudos, ingressou no curso de direito e fundou, junto com seu amigo Hermilo o Teatro do Estudante, em Pernambuco.

Já com interesse na escrita, Ariano produziu diversas obras, como: Torturas de um Coração (1951), O Rico Avarento (1954), Uma Mulher Vestida de Sol (1947), O

Casamento Suspeito (1966), entre outras. Com tal destaque, ele lecionou no curso de Letras da Universidade Federal de Pernambuco, onde seguiu com a docência e seus relevantes escritos. Obras, que com tamanha riqueza, são admiradas por muitos brasileiros e até mesmo trabalhadas em instituições internacionais.

O GÊNERO LITERÁRIO DRAMÁTICO NA LITERATURA

De início, deve-se questionar o que é literatura. Para grandes filósofos da antiguidade, como Aristoteles, se define como uma imitação ou representação da realidade mediante as palavras, mas ao longo do tempo, outras concepções foram surgindo, encarando a literatura como manifestação da linguagem que tem como uma de suas finalidades a expressão estética, ou seja, é como um discurso que não pretende apenas comunicar algo, mas contribuir também na construção de um dizer belo e envolvente, aguçando a sensibilidade e humanidade dentro da obra.

Para Wellek & Warren (1962) o gênero dramático está presente em um agrupamento de obras literárias, teoricamente baseadas na forma exterior (metro e estrutura específicos), como também interior (atitude, tom, finalidade – mais grosseiramente, sujeito e público). Existiriam, para eles, três gêneros literários: lírico, épico e o dramático.

A obra *O Auto da Compadecida*, é classificada como gênero literário dramático que excepcionalmente se designa como tragicomédia, onde é representadas em atos, comuns em peças teatrais, misturando elementos humorísticos e trágicos, estes representados com mortes e momentos cômicos, mas levando para um final feliz.

LINGUAGEM NORDESTINA

De início, é importante compreender o conceito de linguagem de uma perspectiva histórica. Linguagem é um meio de comunicação pode ser oral, escrita, sinalizada, gestual de um emissor para um receptor, por exemplo uma conversa entre um surdo e um ouvinte, ou dois surdos utilizando a sinalização é uma forma de linguagem, dentre isso ela também é um fenômeno social. A linguagem é como processo de interação entre sujeitos situados sócio- historicamente. Desse modo, como assevera Cunha (2003), a linguagem só pode ser compreendida através de seus elementos constitutivos: os participantes, o lugar, o tempo, os propósitos comunicativos e as diversas

semiologias (verbais e não-verbais) que participam da construção do sentido de um discurso produzido numa situação de enunciação única. Segundo um grande filósofo que foi o primeiro a estudar sobre a Linguagem humana Mikhail Bakhtin descreve sobre a pluridiscursividade: (...) em cada momento da sua existência histórica, a linguagem é grandemente pluridiscursiva. Deve-se isso à coexistência de contradições socioideológicas entre presente e passado, entre diferentes épocas do passado, entre diversos grupos sócio ideológicos, entre correntes, escolas, círculos, etc. Estes “falares” do plurilinguismo entrecruzam-se de maneira multiforme, formando novos “falares” socialmente típicos. (...) todas as linguagens do plurilinguismo, qualquer que seja o princípio básico de seu isolamento, são pontos de vista específicos sobre o mundo, formas da sua interpretação verbal, perspectivas específicas objetais, semânticas e axiológicas (1993, p. 98).

Para falar sobre linguagem nordestina o essencial é explicar sobre o que é Linguagem. Linguagem nordestina é uma fala mais rebuscada, ou seja, uma fala que é um pouco diferente do português em si, por exemplo pessoas da Paraíba já usam um linguajar próprio da sua cidade, envolvendo com a cultura, A “bagaceira” têm, em sua linguagem, as marcas socioculturais que a distinguem dos demais falares regionais brasileiros. Entre outras cidades e regiões, existe a variação regional que não há problemática em sua utilização.

Na obra *O Auto da Compadecida* observa-se algumas palavras que João Grilo fala para se referir a algo. João Grilo: ó homem sem vergonha! Você inda pergunta? Está esquecido de que ela o deixou? O gato que descome dinheiro, entre outros. Para além da linguagem nordestina, convém lembrar uma série de elementos nos quais o autor investe para causar um efeito de verossimilhança: a narrativa faz, por exemplo, uso de objetos típicos nordestinos, figurinos habitualmente usados por moradores da região e até mesmo replica cenários do sertão que ajudam o espectador a imergir na história.

MARCAS DO CORONELISMO NA OBRA

O Coronelismo surgiu no início do século XX, conhecido por ser um sistema político que prevaleceu durante a República Velha (1889-1930) em que o poder centralizava-se nas mãos de ‘coronéis’ que comumente eram senhores de famílias abastadas, fazendeiros, ou senhores de engenho, com grande influência, exerciam poder

sobre as esferas sociais inferiores e associavam-se na política local. Para Pinto (2017) o coronelismo é um sistema político que, em geral, está fundado em relações econômicas. Nesse sentido, a identificação de suas características associa-se às visões sobre o sistema econômico e político brasileiro e o Brasil.

Apesar da obra *O Auto da Compadecida* ter sido publicada em 1955, Ariano Suassuna nos apresenta ao contexto vivido na cidade de Taperoá em que vivia-se resquícios do Coronelismo com a figura do Major Antônio Morais, que por seu poder econômico, representava autoridade e influência, uma figura temida até pelo padre da cidade.

PADRE: E o dono do cachorro de quem vocês estão falando é Antônio Morais?

JOÃO GRILO: É. Eu não queria vir, com medo de que o senhor se zangasse, mas o major é rico e poderoso e eu trabalho na mina dele. Com medo de perder meu emprego, fui forçado a obedecer, mas disse a Chicó: o padre vai se zangar.

PADRE: Zangar nada, João! Quem é um ministro de Deus para ter direito de se zangar? Falei por falar, mas também vocês não tinham dito de quem era o cachorro!

PADRE: Você o que é que acha?

CHICÓ: Eu não acho nada demais.

PADRE: Nem eu. Não vejo mal nenhum em abençoar as criaturas de Deus.

No fragmento acima, o cachorro da mulher do padeiro está doente e ele pede que Chicó chame o padre para benzer o animal. A princípio, o padre resistiu em benzer o animal, tratando a situação com desprezo e somente muda sua postura quando João Grilo mente de quem seria o animal, a fim de se vingar do padeiro e sua esposa que eram péssimos patrões, bem como buscava também acertar as contas com o padre.

Historicamente, as características deste personagem também nos remetem aos impactos deixados pelo Coronelismo na região Nordeste. Para Galvão (2010) esse momento marcou o Nordeste de formas negativas, de maneira estereotipada e até mesmo fazendo referência a região ser subdesenvolvida, onde os coronéis possuíam mais influência.

A imagem de poder quase absoluto [...] ajudou a constituir a marca do coronel como líder da região, rico, poderoso, filho das famílias mais ricas e há gerações detentoras de terras e poderes políticos no Nordeste. A ideia de que a região é dominada por um esquema político obsoleto e centralizador reforça sua dependência da parte sul do país, tida como desenvolvida. Alimentar essa imagem do coronel ajuda a justificar o atraso com que se representava o Nordeste, principalmente o sertão, distante das sedes de

governo e das mais importantes decisões políticas da região. (GALVÃO, 2010, p. 22)

Para compreender como a figura do ‘coronel’ tinha prestígio, é importante ressaltar que a democracia era duvidosa, já que sempre utilizava-se de seu poder para garantir a sua eleição ou de algum apadrinhado políticos. Além de somente homens possuírem o direito do voto, esse acontecia com o objetivo de coagir. Não raramente, até utilizava-se da força física para garantir o voto, que era aberto, ou seja, era possível identificar cada eleitor. A situação só teve fim quando Getúlio Vargas assumiu o poder em 1930.

É necessário refletir sobre outro viés: admitir a “identidade coronelista” implica também associar-se uma visão estereotipada de subdesenvolvimento da região Nordeste, onde os coronéis tiveram mais influência. Assim, admitir uma conduta autoritária como sendo uma reverberação de cunho coronelista significa incluir-se no suposto universo nordestino de atraso e submissão da região em relação à área mais desenvolvidas do país. (Galvão, 2010. p 30)

Para além da obra, é importante analisar a vida de Ariano Suassuna e compreender suas críticas para com os fragmentos de coronelismo colocados no personagem Major Antônio de Moraes. Além de sua caracterização de amedrontador, arrogante e prepotente, também nos remete às situações vividas pelo autor em sua infância no contexto político nordestino.

De acordo com Dimitrov (2011) João Pessoa Suassuna, pai de Ariano e governador da Paraíba, foi assassinado quando Ariano tinha somente três anos de idade no ano de 1930, em um período político tumultuado na região por discordar do próprio grupo político que o elegeu e entrou em conflito com diversos latifundiários. O maior motivo dessas divergências é sobre a taxa de exportação do algodão. João Pessoa adota uma série de medidas que desagradam os coronéis sertanejos colaborando para acirrar, cada vez mais, a polarização sertão *versus* cidade. Três desses elementos, talvez os principais, foram: a guerra tributária, a tentativa de desarmamento dos jagunços dos coronéis e a perseguição, por parte de João Pessoa, a funcionários ligados aos sertanejos. (Dimitrov, 2011.)

Por tanto, é possível conectar a figura fictícia do Major retratado por

Suassuna, à influência exercida por essas figuras na região nordestina e uma crítica ao mostrar como a sociedade se sujeitava ao dinheiro, poder e obediência e o temor existente as oligarquias regionais.

JUÍZO FINAL E ASPECTOS RELIGIOSOS

Abordando críticas sociais, Suassuna leva alguns de seus personagens ao juízo final, por exemplo: o cangaceiro Severino, João Grilo, o padeiro, sua esposa adúltera, padre, bispo e sacristão. Vale ressaltar que nos atos iniciais, o autor já explorou todas as características e defeitos, que logo depois são apontados pelo diabo a fim de que sejam condenados.

No que diz respeito a Igreja, temos em pauta a corrupção existente, quando o sacristão, bispo e padre permitem que se realizasse o enterro do animal (cachorro), sabendo que este, de acordo com João Grilo, havia deixado dez contos de réis para o padre e três para o sacristão. Criticando assim a postura de interesses dos líderes religiosos, tratando com desprezo os fiéis menos abastados financeiramente. Para os outros personagens, ao padeiro é exposta sua avareza como patrão, à Severino sua vida de crimes e por fim, a esposa do padeiro por sua infidelidade e luxúria que são absolvidos de seus pecados.

[...] ao mesmo tempo em que se dirige para o mais elevado, para o divino, também participa do que há de mais baixo e mundano; é, portanto, essa dualidade ontológica do ser humano que impõe o problema existencial e religioso da sua salvação-perdição. (Pimentel, 2010, p. 49)

Na visão do autor, em condições humanas e terrenas, estão ligados e associados ao pecado e somente em morte e com auxílio do perdão divino, o homem

consegue se desprender e conseguir libertação. Estabelecendo esta conexão entre o sagrado e o profano, somos apresentados ao Jesus que é negro, a benevolência de Maria e ao Diabo, que busca levar almas consigo. Para Magalhães (2014) em um estudo aprofundado sobre a religiosidade o bem *versus* mal nas obras de Suassuna, associa decisões e ações das pessoas com as adversidades encontradas em problemáticas cotidianas.

Condicionar a existência terrena à presença constante do pecado não é afirmar que a vida na Terra será inteiramente profana. Como dito anteriormente, a citação ontológica humana revela que o pecado não consegue dominar todo o indivíduo, destruindo uma concepção maniqueísta e mostrando que mesmo num plano terreno onde temos a presença do mal, ainda terá uma parte do homem que busca se voltar para o divino, para o elevado e para o bem, mas encontra no mal os obstáculos para uma possível superação.

Ao apresentar todas essas questões reflexivas, Suassuna abre um debate para a ressignificação da vida, não condenando a condição pecadora, mas compadecendo-se de atos que foram ocasionados por um sistema disfuncional, com diversas desigualdades, como a miséria, corrupção, preconceitos etc., classificando como vítimas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as análises feitas por cada tópico desse trabalho escrito com base na obra *O Auto da Compadecida* são de muita relevância para a continuação de estudos. Conclui-se que este conteúdo em forma bibliográfica tem êxito para muitos outros estudos e irá ajudar diversos pesquisadores na área que estudam a variação de linguagem e literatura de maneira bem significativa, assim como o foco na importância da cultura e religiosidade na área do Nordeste brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Túlio Augusto Paz. **Regionalismo e Coronelismo no filme O Auto da Compadecida**, 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/4089886/REGIONALISMO_E_CORONELISMO_NO_FILME_O_AUTO_DA_COMPADECIDA Acesso em: 06 de nov. de 2020.

BAKHTIN, Mikhail M. O discurso no romance. In: _____. **Questões de estética e literatura: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1993. p. 71-210.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: uma introdução**. tradução: Sandra Vasconcelos – São Paulo; Beca Produções Culturais Ltda., 1999.

CUNHA, Dóris de A. da C. **A estilística da enunciação para o estudo da prosa literária no ensino médio**. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (orgs.). Português no ensino médio e formação do professor. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 117-138.

Dimitrov, Eduardo. **Genealogia e identidade familiares no teatro de Ariano Suassuna**. Disponível em: <http://cral.in2p3.fr/artelogie/spip.php?article63>. Acesso em: 06 de nov. de 2020.

GALVÃO, André Luís Machado. **O coronelismo nas narrativas de Wilson Lins: espaços de poder.** Feira de Santana, 2010, 120 p. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural). PPgLDC, UEFS, 2010.

OLIVEIRA, Janaína Florêncio. **Origens, desenvolvimento e aspectos do Coronelismo.** 2017. Disponível em: [https://file:///C:/Users/urban/Downloads/10249-Texto%20do%20Artigo-29592-3-10-20 180119.pdf](https://file:///C:/Users/urban/Downloads/10249-Texto%20do%20Artigo-29592-3-10-20%20180119.pdf). Acesso em: 17 de nov. de 2020.

PIMENTEL, Cláudio S (2010). **Humanização do divino, divinização do humano: representações do imaginário religioso no teatro de Ariano Suassuna.** São Paulo. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: Acesso em: 29/nov/2014.

SUASSUNA, Ariano. **O Auto da Compadecida.** Rio de Janeiro, Agir. 2005.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da literatura.** Tradução de José Palla e Carmo. Lisboa: Europa-América, 1962.